BOLETIM DE PSICOLOGIA

Biblioteca Nadir Gouvêa Klouf - PUC/SP

ANOS
V e VI

DEZEMBRO, 1953
MARÇO, JUNHO, 1954

N.ºs 18, 19, 20

COLABORAÇÃO

<i>Contribuição ao estudo do material para pesquisas em aprendizagem verbal — Arrigo Leonardo Angelini.....</i>	1
<i>O caráter nacional brasileiro e o futebol — Dante Moreira Leite</i>	13
<i>Um curso de Estatística aplicada à experimentação psicológica — Carolina Martuscelli Bori</i>	18
<i>A Psicologia da autoridade — Horace B. English</i>	22
<i>A teoria de Clark Leonard Hull — uma tentativa de sistematização dos princípios — Joel Martins</i>	35

INFORMAÇÕES

<i>I Congresso Brasileiro e Jornada Latino-Americana de Psicologia</i>	57
<i>Formação do Psicólogo e a regulamentação da Profissão — Madre Cristina Meria</i>	60
<i>Problemas da formação de Psicólogos — Annita de Castilho e Marcondes Cabral</i>	64
<i>Noticiário</i>	68

UM CURSO DE ESTATÍSTICA APLICADA A EXPERIMENTAÇÃO PSICOLÓGICA

CAROLINA MARTUCELLI BORI

1 Já se faz sentir com certa insistência no nosso meio a necessidade de um número maior de psicólogos com formação universitária. Essa necessidade de pessoas aptas a desenvolver um trabalho científico dentro dos vários campos de aplicação da psicologia não foi ainda devidamente considerada nos currículos das nossas Universidades. O psicólogo (como qualquer outro profissional) não se improvisa sem prejuízo da própria ciência psicológica.

2 O desenvolvimento alcançado pela psicologia exige do estudioso da matéria outros conhecimentos além daqueles que constam dos programas adotados. Neste artigo limitaremos a consideração deste aspecto tão importante da formação do psicólogo, mencionando uma das matérias que deveriam ser conhecidas por todo estudante de psicologia: a estatística.

3 A literatura psicológica faz muitas vezes referências a pontos de vista contrários e às mais diversas opiniões sobre o uso de técnicas estatísticas em problemas psicológicos. Essas discussões, embora teoricamente importantes, não implicam necessariamente numa desvalorização daquele instrumento. Embora vários psicólogos se neguem a reconhecer a validade das técnicas estatísticas quando aplicadas à psicologia e realizem experimentos sem uma qualquer referência a essas técnicas, esta não é a regra geral. Existem psicólogos, e não em pequeno número, que planejam e realizam seus experimentos incluindo um tratamento estatístico muito simples e ainda outros que baseiam seus experimentos exclusivamente na estatística. Naturalmente, o maior ou menor uso de técnicas estatísticas depende, não somente da orientação teórica dos vários autores, mas também do próprio problema da experimentação.

4 Portanto, mesmo aceitando o ponto de vista dos que criticam o uso da estatística em psicologia, não podemos deixar de reconhecer que o estudante da matéria deve estar habilitado a lêr e a compreender os relatos dos experimentos

que incluem uma consideração estatística dos problemas psicológicos.

5 Para poder lêr tôda essa parte da literatura psicológica, que é bastante extensa, o estudante deverá conhecer os símbolos estatísticos, saber o que êstes representam e o que significam estatisticamente para poder compreender o experimento relatado. Sòmente com êsse conhecimento o estudante poderá apreciar devidamente a validez dos resultados apresentados pelo autor e julgar a sua contribuição científica.

6 Mas esta não seria a única razão para acrescentar um curso de estatística no programa universitário. Independentemente da especialização que escolher, e para o conhecimento de cuja literatura já o especialista necessitará da estatística, o estudante de psicologia será levado a desenvolver uma atividade como experimentador. Essa atividade, da qual depende o desenvolvimento da própria ciência psicológica, requer o conhecimento e a prática de técnicas experimentais como de técnicas estatísticas.

7 Quer para realizar experimentos ou criticar experimentos feitos por outrém o estudante de psicologia (futuro psicólogo) deverá aprender quando e onde aplicar a estatística, a selecionar a técnica estatística adequada ao problema, a realizar os cálculos necessários e, ainda, não menos importante, a analisar e interpretar os resultados estatísticos para poder traduzí-los em termos de psicologia.

8 Essa aplicação específica requer um programa de estatística que realmente informe o estudante fazendo-o compreender de que maneira essas técnicas podem auxiliar na resolução de problemas psicológicos. Em outras palavras, não se trata de um programa para formar estatísticos (requerendo-se, portanto, menor ênfase nas deduções matemáticas das fórmulas apresentadas do que em programas dedicados à formação de estatísticos) nem, de um programa para habilitar o aluno a resolver problemas com determinadas fórmulas (requerendo-se, portanto, maior ênfase no significado e aplicação e não sòmente na fórmula).

9 Procurando evitar as duas orientações extremas aludidas (a formação de estatístico e a formação de mero aplicador de fórmulas) o curso de estatística deveria ensinar ao estudante de psicologia as noções essenciais e mais correntemente usadas que a estatística lhe oferece. Isto é, não se trataria de um curso de estatística, mas de um curso de técnicas estatísticas aplicadas aos problemas do campo da psicologia. A finalidade de aplicação é, ao nosso juízo, o que deverá dirigir o desenvolvimento do curso.

10 Teríamos em linhas gerais um programa que, após uma introdução visando esclarecer a finalidade, problemas e limitações do uso da estatística aos problemas psicológicos, proporcionasse ao estudante conhecer quais os meios que a estatística oferece para melhor organizar os resultados de uma pesquisa, observação ou experimento. Como preparar tabelas e qual a utilidade dessas tabelas e gráficos, são informações básicas para os demais cálculos estatísticos que o estudante irá aprender. Com esse conhecimento podem ser discutidas as técnicas de que dispõe a estatística para descrever as situações, para caracterizar um grupo de indivíduos ou um grupo de observações. Essas incluem as médias e as medidas de variabilidade. Ao lado desses cálculos descritivos o programa deveria incluir a descrição da relação entre medidas do mesmo grupo de indivíduos ou observações através da noção de coeficiente de correlação, uma das noções mais necessárias no estudo de inter-relações. O estudante deverá aprender quando e como usar os coeficientes de correlação, que tipo de procedimento aplicar para diferentes grupos de dados, e o que significa o resultado obtido em termos do problema estudado.

11 Além disso, ao estudante de psicologia é do maior interesse discutir o problema da amostra, da representatividade da amostra de indivíduos ou observações selecionados, em relação à população, e os cálculos que a estatística ensina de verificação de hipóteses. A avaliação cuidadosa dos resultados de experimento ou observação requer que o estudante de psicologia conheça bem a aplicação das provas de significância. Sem uma verificação da significância nenhuma diferença entre os resultados poderá ser aceita ou contestada.

12 Visando um curso de estatística que obedeça, particularmente, à finalidade apontada, sugerimos os seguintes assuntos para um programa, de nível universitário, de um:

CURSO DE ESTATÍSTICA APLICADO A EXPERIMENTAÇÃO PSICOLÓGICA

1. Introdução: A estatística aplicada à Psicologia. A finalidade e os problemas da aplicação da estatística na experimentação. Limitações no uso da estatística.
2. A distribuição dos resultados. A distribuição por frequência. Representação gráfica de uma distribuição por frequência.

3. Medidas de tendência central. Cálculo da média, mediana e moda. Uso dessas medidas e suas limitações.
4. Medidas de variabilidade. Cálculo do intervalo total, do desvio médio, do desvio padrão, quartís e percentís. Uso dessas medidas e suas limitações.
5. Correlação: O significado da correlação. Cálculo e interpretação do coeficiente de correlação. Técnicas de correlação e problemas.
6. Tipos de curvas mais frequentes em estudos psicológicos. A curva normal de probabilidade. Aplicações da curva normal em problemas psicológicos.
7. A seleção de amostra representativa. A noção de grupo de contrôle. Validez e fidedignidade dos resultados obtidos através de técnicas estatísticas.
8. Verificação da hipótese experimental. Prova de significância de médias e diferença entre médias. A hipótese nula. Prova de significância para amostra pequena.
9. Validez e fidedignidade das provas psicológicas.